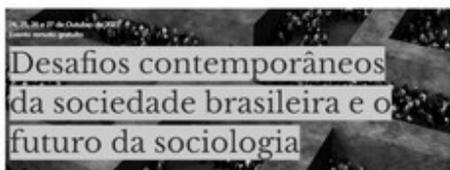


### **GT 03 – Trabalho, educação e sociedade**

**O corpo sempre paga: neoliberalismo e (auto) exploração na sociedade do cansaço**

Roger Carlos Ferreira Alves Santos  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe  
IFS-Campus São Cristóvão  
Universidade Federal de Sergipe/Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
UFS/PPGS



## O corpo sempre paga: neoliberalismo e (auto) exploração na sociedade do cansaço

Roger Carlos Ferreira Alves Santos

### INTRODUÇÃO

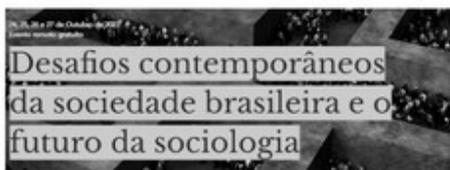
O presente texto teve sua gênese impulsionada a partir de uma cena específica do primeiro episódio da série sul-coreana *Round 6*<sup>1</sup>, intitulado em português “*Batatinha frita 1,2,3*”. Advertimos que não temos a pretensão de uma análise aprofundada do conteúdo da série, mas tão somente nos utilizaremos de uma imagem que julgamos emblemática acerca da condição humana contemporânea, sob a vigência da ordem neoliberal como a razão do mundo.

Nessa cena, o protagonista está sentado numa estação de metrô aguardando a sua linha, completamente desolado. Anteriormente, foi perseguido por um agiota e seus capangas. Encurralado no banheiro, é agredido, além de lhe usurparem o dinheiro conquistado, apostando em corridas de cavalo. Enquanto espera seu embarque, um estranho senta-se ao seu lado. Inusitadamente, convida-o para jogar *Ddakji*<sup>2</sup>. O atrativo da proposta para uma brincadeira de criança é o valor em disputa, 100 mil *wons*<sup>3</sup> (pouco mais de R\$ 360,00). O desafio é aceito, pois ele não tem mais nada a perder. A peleja é iniciada por ele – *Seong Gi-hun* –, mas não é bem-sucedida. O seu oponente, o responsável pelo convite ao jogo, ao contrário, é exitoso, virando o cartão na primeira tentativa.

<sup>1</sup> *Round 6* é uma série sul coreana, produzida pela Netflix que estreou em 17 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Trata-se de um jogo popular coreano, um duelo que consiste no lançamento de cartões feitos a partir de papéis dobrados em forma de quadrado, um cartão azul e o outro vermelho. O objetivo é simples: um jogador arremessa o seu cartão ao solo, onde está o outro cartão, com o fito de virá-lo. A vitória será consignada se após o arremesso, o participante virar o cartão que está no chão. Há alguma semelhança de objetivo, com o jogo de bafo, que faz parte da cultura infantil no Brasil e normalmente se joga com cartas de álbuns alusivos a algum tema (as figurinhas e o álbum da Copa do mundo de futebol, por exemplo).

<sup>3</sup> O *won sul-coreano* ₩, simplesmente *won* (uone em português), é a moeda oficial da Coreia do Sul. Uma unidade de *won* corresponde a aproximadamente R\$ 0,0037 e a 0,00069 dólares, considerando-se as variações cambiais.



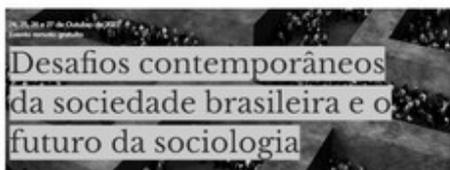
A abordagem carregada de segundas intenções a esse homem comum em particular não é fortuita. O propositor sabe que ele não dispõe do valor acordado e passa por dificuldades financeiras; assim, anuncia uma contraproposta para assegurar o pagamento estabelecido e manter a continuidade do jogo, a saber, “pode pagar com o seu corpo” (ROUND 6, 2021, 17:25 min.), ao que *Seong Gi-hun* indaga: “meu corpo?” (ROUND 6, 2021, 17:27 min.). Imediatamente recebe um tapa na cara. Este fato inicialmente o deixa perplexo, mas é rapidamente compreendido como a sua forma de pagamento. Sem hesitar, *Seong* aceita *os termos e condições de uso*<sup>4</sup> que estabelecem seu corpo como moeda de troca.

Sob concordância mútua, eles permanecem jogando, embora *Seong Gi-hun* continue perdendo e o seu rosto já esteja apresentando uma vermelhidão, após tantos tapas recebidos. Essas circunstâncias revelam-nos os princípios da concorrência, liberdade e responsabilidade individual de forma escancarada. Demonstram-nos, ainda, que o absurdo de pagar com o corpo naturaliza-se; afinal, a soberania do indivíduo-consumidor dever ser preservada a qualquer preço (DARDOT, et al, 2021). Para muitos não há uma gama de oportunidades que lhes permitam escolhas. Sequer há oportunidades, sendo trivial alçarem seus corpos ao *status* de empreendimento. As regras do jogo da vida em busca da sobrevivência sucumbem às leis do mercado.

O texto caracteriza-se metodologicamente por um caráter ensaístico, propondo algumas reflexões provisórias sobre corpo, sociedade, trabalho precário mediado por tecnologia e formação de subjetividades no capitalismo contemporâneo. O argumento que nos guiará nesse caminho considera que há um duplo caráter entre a exploração (objetiva) e a autoexploração (subjetiva) dos corpos. Visamos, dessa forma, contribuir para o debate que se contrapõe ao absurdo instaurado pela lógica neoliberal, que propaga o ideário empreendedor de si, cuja verbalização constitui-se num eufemismo para atenuar o caráter de sofrimento permanente, atrelado a um processo de precarização das existências.

---

<sup>4</sup> O destaque visa ressaltar o caráter contratual dos *termos e condições de uso*, com o qual precisamos concordar ao fazermos o *download* de algum aplicativo. Mas acaba sendo uma via de mão única, pois, ao manifestarmos nossa anuência com relação à utilização do serviço, disponibilizamos os nossos dados pessoais, sem uma garantia efetiva da privacidade e dos fins para os quais eles serão empregados.



## AS PAIXÕES DO CORPO

O corpo aqui é compreendido como uma realidade tangível, uma vez que nossa existência é corpórea. O corpo próprio é a contestação das cisões que demarcam a racionalidade moderna, “ser corpo, nós o vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 205).

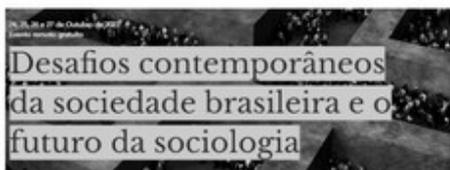
Entretanto, quando situamos a realidade brasileira, persiste a ignomínia do trabalho análogo ao escravo, entre os quais chamaram à atenção os recentes casos de pessoas resgatadas pelo Ministério Público do Trabalho – MPT na condição aludida<sup>5</sup>. Transcorridas pouco mais de duas décadas do século XXI, centenas de milhares de corpos encontram-se circunscritos a uma espacialidade, distantes de se afirmarem como ser e reduzidos ao mero existir.

Numa instigante análise sobre o termo *homem-máquina*, título de uma obra do médico francês Julien Offray de La Mettrie<sup>6</sup>, que viveu no século XVIII, fora observada a substituição da dualidade cartesiana por um monismo materialista. Essa mudança engendrou um paradoxo em que atualmente

destacamos entre os efeitos positivos desse movimento a valorização do corpo. Mas, de outro ponto de vista, o corpo foi profanado, já que deixou de ser visto como um sacrário que continha uma coisa infinitamente preciosa, a alma. Com isso, abriu-se o caminho para a banalização do corpo, sua instrumentalização, sua mercantilização. O novo paradigma herda essa atitude. É uma forma moderna de gnose, de depreciação do corpo. Ele não vale nada, ou vale, mas como valor de troca. Não tem valor, mas tem preço. É posto no mercado (ROUANET, 2003, p. 53-54).

<sup>5</sup> Entre as ocorrências vexatórias dessa natureza, destacamos o caso de uma mulher de 84 anos que viveu em condição análoga à escravidão por 72 anos, servindo a três gerações de uma família no Rio de Janeiro. <https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>

<sup>6</sup> *L'Homme machine* (O Homem-Máquina) foi publicado em 1748.



Os corpos em geral têm um preço, mas sobretudo os periféricos<sup>7</sup> não têm valor. Os danos a uma pessoa submetida por 72 anos ao trabalho escravo doméstico são irreparáveis. Os corpos periféricos não passam de coisas que se encontram disponíveis no mercado.

Apesar de partirmos do corpo em sua totalidade, as concepções formalistas vigentes em narrativas amplamente aceitas tendem a conceber o corpo como uma dimensão à parte. Buscam uma suposta objetividade a partir de esquemas e quadros referenciais. No entanto, ao evocarmos aqui o corpo, referimo-nos à totalidade de um ser consciente, que vive, que age, que pensa, que sofre, que frui e que deseja sob determinadas condições históricas.

A Doutrina de Buda diz-nos que viver tem como equivalente o sofrimento, portanto, as paixões são a fonte do sofrer<sup>8</sup>. A partir de influências do pensamento oriental, Schopenhauer (2005) também concebeu a vida como sofrimento, uma vez que o desejo daquilo que não temos é a sua causa. Mas, por outro lado, ao satisfazer o desejo, o sofrimento não cessa. A satisfação de um desejo, prossegue o filósofo, provoca o tédio e, com ele, a manifestação de novos desejos.

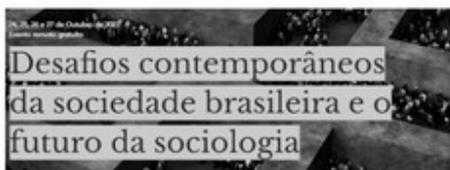
É mister lembrarmos que paixão em suas etimologias grega e latina, respectivamente *pathos* e *passus*, também designa sofrimento. Eis a expressão da liberdade abstrata moderna, destinada aos fiadores de si mesmos, os quais colocam em jogo suas próprias peles. Portanto, permanece vigorosa e atual a reflexão que captou a liberdade travestida de servidão, só que o gosto da servidão agrada e é palatável às pessoas, sem sequer ser disfarçado (LA BOÉTIE, 2017).

As muitas paixões e desejos dos seres humanos circunscritos à sociedade do cansaço e sua exigência por desempenho seriam condicionantes ao cultivo da servidão voluntária hoje? Por sociedade do cansaço, compreendemos o que Han (2015) demarca

---

<sup>7</sup> Mulheres, adolescentes, crianças, negros, pessoas LGBTQIA+, pessoas com deficiências, desempregados, trabalhadores informais, sem-teto e indígenas são exemplos crassos de corpos periféricos, invisibilizados e descartáveis, passíveis de violência, desprezo e extermínio na sociedade. Para esse segmento populacional, pagar com o corpo é a marca das suas existências.

<sup>8</sup> KYOKAI, Bukkyo Dendo. **A doutrina de buda**. 17<sup>a</sup> ed. Tokyo, 2014.



em termos de estados psíquicos excessivos em positividade, carregados de violência neuronal.

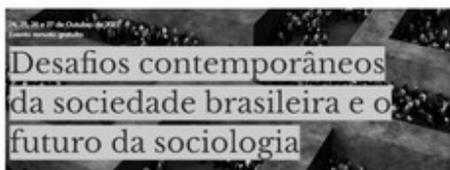
O desenvolvimento alcançado pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs) rompeu as tradicionais barreiras tempo-espaciais, instaurando a dimensão do celebrado ciberespaço, permitindo, com isso, um fluir ilimitado de acesso a informações, produtos, consumos, serviços e relacionamentos. Essa saturação, que mobiliza diuturnamente os desejos e emoções, promove o empobrecimento da experiência vivida, prevalecendo a dinâmica do *fast-food*, em que o indivíduo-consumidor come sempre apressado e em pé, sem tempo para saborear (KONDER, 2000).

Sendo a realidade concreta uma *síntese de múltiplas determinações*<sup>9</sup>, o dispositivo desempenho/gozo de Dardot & Laval (2016) encontra consonância com a sociedade do cansaço e seus pressupostos. Para a lógica neoliberal, quanto mais danoso aos seres humanos, de maneira inversamente proporcional é mais rentável ao capital, que os submete às situações de riscos, preocupação e precariedade permanentes. Afinal, a vida é um jogo.

O neoliberalismo constitui-se num processo de reestruturação produtiva, no bojo de mais uma crise cíclica do capital. Uma ofensiva que no plano da economia entronizou o mercado e no palco da política viabilizou democraticamente o Estado mínimo (NETTO, 2001). A formação das subjetividades diante dessas mudanças no âmbito da política e economia passou a orientar-se pelas forças do mercado como mediador das relações sociais.

Não se restringindo a uma crise do capital, “o neoliberalismo é um sistema muito eficiente – diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado” (HAN, 2020, p. 11). Explicitam-se as razões em torno do exacerbamento acerca do conceito de inteligência emocional, como nos demonstram Illous & Alaluf (2017) acerca da exploração da emoção positiva como o caminho ao desenvolvimento da

<sup>9</sup> Ao criticar o método da Economia Política, Karl Marx atribui para análise do real uma inversão hegeliana. Ou seja, “[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de o reproduzir como concreto espiritual” (MARX, 2003, p. 248).

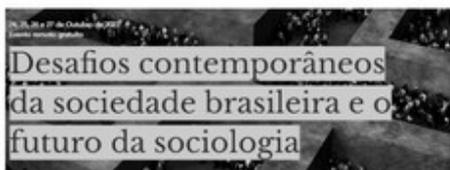


resiliência, ou seja, a capacidade dos trabalhadores em adaptar-se às consequências da precarização do trabalho e suportá-las.

Consideraremos dois conceitos: a) paixão autoconsumptiva (SENNETT, 2012) e b) compulsão, *must* (BAUMAN, 1999). Ambos, em suas distinções analíticas, abordam o problema dos indivíduos-consumidores frente à busca da satisfação dos desejos, travestidos de livre exercício da vontade, quando na realidade a exigência de novos desempenhos impõe-se como prerrogativa para o almejado gozo, nunca saciável. A explosão de patologias, como o estresse, a ansiedade e a depressão, ratifica o impulsionamento de paixões e sofrimento como uma peculiaridade de nossa época histórica. Transpondo-se às dissociações típicas da modernidade, sobretudo a cisão corpo/mente, presenciamos as nefastas e extenuadoras decorrências desse *modus operandi* ao chamado estilo de vida.

A sociedade do cansaço e o imperativo do desempenho expõem, por meio dos quadros patológicos em ascensão, as insatisfações das pessoas com seus corpos, seus relacionamentos, seus trabalhos, suas expectativas de futuro e suas vidas. O cansaço e o desempenho comungam com o “[...] ‘paradoxo da felicidade’: uma atmosfera de entretenimento e distensão contínuos, de bem-estar consolidado, coexiste com a intensificação dos obstáculos para se viver e o aprofundamento do mal-estar subjetivo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 4).

A exemplo da paixão, a etimologia do trabalho o designa como sofrimento. Tanto na esfera formal quanto na informal, afeta o ser nas suas dimensões física, moral, social, psíquica e cognitiva. O psíquico que sofre também se reflete nesse corpo. Na linha de frente desses impactos psicossomáticos, os corpos periféricos, devido ao abandono social imposto e já naturalizado, indicam-nos preliminarmente que receber tapas na cara a fim de ganhar dinheiro é a representação da realidade cotidiana de muitos indivíduos-consumidores. Confirma-se, dessa forma, que “os indivíduos resilientes sobrevivem à guerra e ao capitalismo, adaptam-se ao real caótico no interior do qual estão mergulhados e conseguem até mesmo se realizar apoiando-se nessas realidades” (ILLOUS; ALALUF, 2017, p. 84). Seria *Seong Gi-hun* o tipo ideal de um indivíduo-consumidor resiliente?



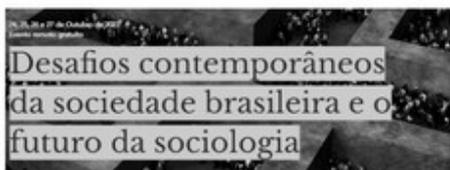
Ao recorrermos ao termo corpos periféricos, o fazemos para não perdermos de vista o antagonismo entre classes estratificadas e as desigualdades sociais. O signo do indivíduo-consumidor é matizado, pois quando se trata dos corpos periféricos<sup>10</sup>, estamos nos referindo a um contingente de seres humanos cujas existências são relegadas a uma periferização existencial. Todavia, em face da mobilização das subjetividades, eles também são acometidos pelo excesso de escolhas que gera infelicidade (BAUMAN, 2001). No caso deles, esse sentimento se intensifica pelo fato paradoxo de as escolhas estarem fora de alcance. Há uma expressão, denominada mosca de padaria, que talvez retrate a diferenciação social entre os indivíduos consumidores. Alguns podem se fartar com a variedade de escolhas do lado de dentro da vitrine; outros não; veem as escolhas, mas não podem escolher. Podem apenas escolher desejar, olhando por fora da vidraça.

O Sul Global, por razões históricas, abriga parte do mundo classificado de periférico. No Brasil, enquadram-se ao rol dos periféricos aqueles corpos que experienciam o que Souza (2018) denominou de uma subcidadania. Quem são os subcidadãos brasileiros? “Seres humanos a rigor dispensáveis, na medida em que não exercem papéis fundamentais para as funções produtivas essenciais e que conseguem sobreviver nos interstícios e nas ocupações marginais da ordem produtiva” (SOUZA, 2018, p. 178-179).

A empiria nos apresenta uma parcela dos trabalhadores informais na qual delimitaremos os que atuam junto às plataformas digitais de transporte (passageiros e entregas), motoristas, *motoboys* e ciclistas. Esses trabalhadores recebem uma pressão psíquica, no sentido de que aguardam a demanda a partir de combinações algorítmicas ubíquas e impessoais, com base na sua avaliação/reputação junto à plataforma digital e no sistema de posicionamento global (GPS), numa autonomia sem autonomia. Sobre seus corpos atua certa pedagogia que lhes imprime um condicionamento. Ao disporem uma quantidade significativa do seu tempo, existindo/trabalhando para os aplicativos, seus corpos são submetidos a uma disciplina laboral. A informalidade como uma tendência

---

<sup>10</sup> Sobretudo mulheres, adolescentes, crianças, negros, pessoas LGBTQIA+, pessoas com deficiência, desempregados, trabalhadores informais, sem-teto, indígenas são exemplos de corpos periféricos, invisibilizados e descartáveis.



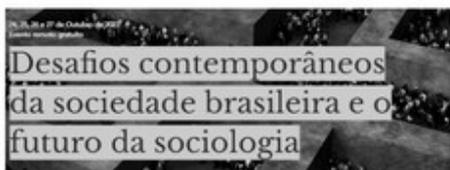
crescente, e no exemplo aludido, vendida como algo positivo e associado à liberdade, afeta psíquica e fisicamente os sujeitos que trabalham sob essas condições.

Eis que o apelo midiático ao estilo *coach* contribui com sua cota ao disseminar o discurso formativo do sujeito neoliberal, cuja posse é o capital humano de si, “[...] capital que ele precisa acumular por escolhas esclarecidas, amadurecidas por um cálculo responsável de custos e benefícios” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 346). Parece-nos que o *Seong Gi-hun* da ficção realizou uma escolha esclarecida ao ponderar sobre a relação custo x benefício, uma vez que, ao aceitar os castigos físicos, nada mais importava, desde que o sentimento fugaz de gratificação e a renda fossem alcançados.

De acordo com a ideologia recorrente que concebe o princípio da concorrência como um fim em si mesmo, as repercussões na subjetividade dos guerreiros e das guerreiras que se dispõem a sofrer, mas no fim – nem sempre isso é verdadeiro – conquistam seus objetivos, expõem que “o imperativo neoliberal de otimização pessoal serve apenas a um funcionamento perfeito do sistema (HAN, 2020, p. 45). Afinal, “o corpo alcança o que a mente acredita” ou “a dor é passageira e a glória é eterna”. Chavões motivacionais como esses são recorrentes em muitos perfis da rede social *Instagram* e na internet em geral. Talvez o nosso herói tenha entoado esses mantras durante os tapas recebidos.

É provável que num dia de movimento fraco os motoristas de aplicativos também repitam para si mesmos essas palavras, num tom de devoção quase religiosa. Revela-se por meio de uma aparência inofensiva o que há de mais pernicioso na sociedade do cansaço: a busca incessante por desempenho e uma glorificação do sofrimento. Tais circunstâncias reforçam o que Han (2015) captou como o exacerbamento do autoexploração, não significando, contudo, o fim da exploração. O que ocorre é a diluição do agressor na vítima.

Embora nos encontremos diante de avanços tecnológicos sem precedentes, além de a esfera do consumo ter adquirido uma espécie de autonomia, sendo um signo da civilização tecnológica materializado no indivíduo-consumidor, não podemos perder de vista que



a produção cria os objetos que correspondem às necessidades; a distribuição reparte-os segundo leis sociais; a troca reparte de novo o que já tinha sido repartido, mas segundo as necessidades individuais; no consumo, enfim, o produto evade-se desse movimento social, torna-se diretamente objeto e servidor da necessidade individual, que satisfaz pela fruição (MARX, 2003, p. 232).

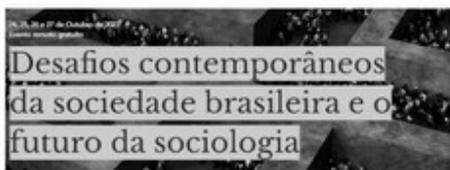
Ora, o sujeito neoliberal também é explorado não apenas pela busca em satisfazer suas necessidades. As redes sociais aludidas também atuam com a promoção de gatilhos que o estimulam ao desejo de pseudonecessidades. Para Bauman (2001), o consumo é a fruição que traz uma promessa de segurança, um tipo de ritual que, em sua fugacidade, afasta momentaneamente as incertezas. Com isso, podemos inferir que o desejo de consumo é mobilizado à realização do ato de consumo, que tem na emoção a sua força motriz (ILLOUS; ALALUF, 2017).

## SOMOS TODOS EMPREENDEDORES?

Voltando ao episódio de *Round 6*, finalmente o sacrifício de *Seong Gi-hun* foi recompensado. Conseguiu vencer uma rodada, e ao revidar com um tapa direcionado ao rosto do seu adversário, a trajetória da sua mão foi interrompida por um gesto defensivo. Surpreso, ele recebeu o valor em dinheiro, conforme prévio acordo, atestando que seu desempenho valeu a pena, obtendo ao preço do seu corpo o valor pecuniário acordado entre cavalheiros.

Os arautos do *mindset*<sup>11</sup> (mentalidade) nos dirão que uma mente blindada e foco são os caminhos para a (auto)exploração de todo nosso potencial. Lembramos que dialeticamente toda alienação é autoalienação. Petrovic (2001), ao tratar desse conceito e suas diferenças e aproximações em Hegel e Marx, demonstra-nos que a alienação de si mesmo – ou – autoalienação não é uma forma específica de alienação, mas sim a intrínseca estrutura básica, a essência desse fenômeno. Podemos estender, nesse sentido, que toda exploração é exploração de si mesmo, ou autoexploração?

<sup>11</sup> Nas livrarias físicas e virtuais, variados títulos com essa abordagem são *best-sellers*. Aqui, tomamos como referência: DWECK, C. S. **Mindset**: a nova psicologia do sucesso. Objetiva: São Paulo, 2017.



Exercendo um papel com nuances de um serviço de *coaching* gratuito, a maior emissora de televisão do Brasil – Rede Globo – nos intervalos de sua programação tradicional, tem conclamado a população a essa tarefa de (auto)explorar todo o seu potencial. Considerando o alcance da sua audiência, a mensagem coaduna com o processo formativo da subjetividade do novo sujeito em gestação: a ativação do empreendedorismo e o reconhecimento do capital humano de si que todos possuem.

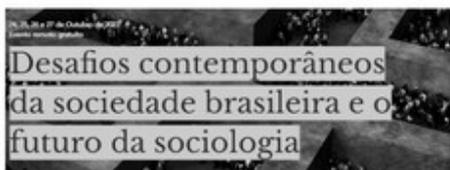
O informe publicitário em tela coloca-nos diante de casos bem-sucedidos de pessoas empreendedoras – exceções – através de um *jingle* que se impregna em nossas cabeças. Cantemos juntos: “Vae, vae, vae que a crise vem pra nos fortalecer. Tudo vai passar você vai ver. Que a criatividade vai vencer. Sacode a poeira, olha pra frente e vem fazer acontecer. Que o futuro é feito pra você. Que não tem medo de empreender”<sup>12</sup>.

Seriam os atuais mais de 30 milhões de famélicos<sup>13</sup> (o Brasil reconquistou seu lugar no mapa da fome) e 10 milhões de desempregados<sup>14</sup>, pessoas medrosas para empreenderem? Ou pessoas sem resiliência que não foram capazes de fortalecer-se com a crise? O fato de não ter o que comer ou não estar inserido no mercado de trabalho implicitamente deve ser fruto da incompetência dos que se encontram nessa situação vexatória, da incapacidade em adaptar-se e tirar “[...] proveito das experiências de adversidade que estão atravessando, sabendo se apoiar nelas para melhorar seus desempenhos” (ILLOUS; ALALUF, 2017).

<sup>12</sup> Assistimos a esse *jingle* pela primeira vez num intervalo do jornal matinal Hora Um. Mas ele se encontra disponível também no YouTube, no Canal Display Publicitário, com a seguinte descrição: Rede Globo – VAE (Vamos Ativar o Empreendedorismo) (2021). <https://www.youtube.com/watch?v=9SuysZJzbHg> 19/08/2022

<sup>13</sup> Segundo dados da pesquisa realizada pela rede Penssan, a insegurança alimentar voltou a assombrar o país, uma volta ao chamado mapa da fome. Isso significa que de cada dez famílias, seis têm dificuldades para conseguir se alimentar, algo em torno de 125 milhões de pessoas. Os números dos que passam fome, hoje, no Brasil, regrediram aos valores que eram encontrados cerca de 30 anos atrás. No século XXI, 33 milhões de pessoas não têm o que comer. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>

<sup>14</sup> Embora a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE aponte uma ligeira queda na taxa do desemprego no trimestre encerrado em julho de 2022, vale mencionar a relação inversamente proporcional com o aumento da informalidade, que está no patamar de 40%, ou seja, algo em torno de 39,3 milhões de pessoas exercem trabalho precário. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/> 20/09/2022.



A literatura tem essa capacidade da crítica social, do olhar em acuidade para a realidade, revelando-nos que

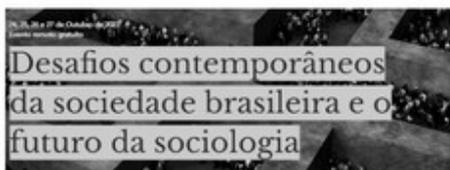
o país às voltas com um presidente mais preocupado em catar frases bonitas e usar gravatas com cores doidas. E, por aí, neguinho com diploma na mão catando lata de cerveja, vendendo churrasquinhos, fazendo brinquedo com ossos de bois. Gente disputando a tapa resto de comida com os urubus nos lixões. É triste [...] Inda outro dia, encontrei o Samuel, uma das melhores promessas dos meus tempos de ginásio, tentando vender um enorme urso de pelúcia entre a Laranjeiras e a João Pessoa (SANTANA, 2002, p. 102).

Há de se fazer uma retificação na primeira frase sobre as (des)preocupações do atual presidente. Todo o restante é bem atual. A precariedade da vida torna-se a norma, inclusive para os que têm qualificação. Empreender seria a alternativa possível ao exército de pessoas estruturalmente desempregadas, conforme assinalado pelo controverso Schaff (1990), em virtude da reestruturação produtiva e das novas tecnologias da informação e comunicação aplicadas à produção e aos serviços? O *Vamos ativar o empreendedorismo* (VAE)<sup>15</sup>, expresso verbalmente pela sigla e paronomásia entre parênteses anteriormente mencionada, é um chamado à tomada de atitude, ao faça você mesmo.

Basta ter criatividade que o sucesso na vida estará garantido. A diferença entre vencedores e perdedores é a disposição dos primeiros em fazerem acontecer. Dardot e Laval (2016) constataam uma virada que levou do sujeito benthamiano, calculador e produtivo da civilização industrial, rumo ao sujeito neoliberal e competitivo da civilização tecnológica.

Há claramente uma sintonia com os pressupostos do neoliberalismo, posto que o sujeito e a sociedade são concebidos como empresas. Conforme Dardot e Laval (2016), o aspecto normatizador das subjetividades não se assemelha àquele dos sujeitos produtivos da sociedade industrial. Aqui podemos inferir, a partir de Han (2015), que esse novo

<sup>15</sup> Informe publicitário VAE. <https://vae.g1.globo.com/especial-publicitario/> 09/08/2022.



sujeito em gestação encontra um grau de liberdade em relação às formas externas de coerção, mas está submetido a si próprio.

Nesses termos, o absurdo de uma pessoa pagar com o seu corpo torna-se a tônica, visto que a negatividade da sociedade disciplinar foucaultiana é substituída pela positividade exacerbada da sociedade do desempenho, na qual, “[...] no lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 24).

É válido ressaltarmos que o empreendedorismo praticado pela maioria é o de subsistência<sup>16</sup>, consistindo numa modalidade de empreender afeita aos corpos periféricos, cujo fito é a garantia da sobrevivência do sujeito que empreende e de sua família, sem *glamour* ou romantização, como demonstram na realidade concreta os diversos tipos e modalidades de trabalhos precários exercidos cotidianamente<sup>17</sup>. O sujeito de desempenho corresponde a um tipo humano da atual configuração do capitalismo.

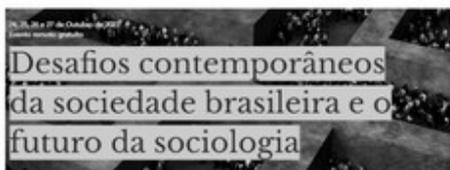
Embora a narrativa predominante busque desconsiderar as diferenças sociais, cumpre ressaltarmos que os desempenhos físicos vangloriáveis são os relacionados a um certo estilo de vida. Um praticante de ciclismo que compartilha seus êxitos e recordes de velocidade, distância, rotas etc. almeja obter muitos *kudos*<sup>18</sup> no *Strava*<sup>19</sup>. Seu estilo de vida ativo lhe confere distinção ao incluir a prática de atividades no seu tempo livre. Um ciclista entregador, por sua vez, percorre as ruas das cidades, faça chuva ou faça sol, num desempenho físico equivalente ao do ciclista praticante, mas não vangloriável, porque o faz por trabalho. Submeter-se a sacrifícios físicos e à expectativa dos *kudos* sob a prerrogativa de influenciar as pessoas é bem distinto da necessidade de se submeter aos sacrifícios físicos e ao recebimento de avaliações positivas dos clientes, a fim de garantir

<sup>16</sup> Empreendedorismo de subsistência <https://createbrasil.com.br/empreendedor-de-subsistencia/09/08/2022>.

<sup>17</sup> Para além da evidência dos trabalhos precarizados com a mediação tecnológica de plataformas digitais, Barbosa e Alves (2021) fazem um arrolamento preciso dessa modalidade de trabalho, explicitando as atividades típicas, por assim dizer, de muitas pessoas circunscritas à realidade latino-americana.

<sup>18</sup> Atribuir *kudos*, segundo os desenvolvedores do *Strava*, significa honrar e elogiar o esforço, além de demonstrar respeito ao desempenho físico.

<sup>19</sup> É uma *startup* criada nos Estados Unidos, em 2009, que se baseia na tecnologia do GPS. Essa plataforma digital oferece os serviços de monitoramento e rastreamento de atividades físicas, como corrida, ciclismo, entre outras, empregando recursos das redes sociais. Existem as versões gratuita e *premium* (paga). Esta última tem recursos ampliados.



suas subsistências. Os chefes de si mesmos não têm qualquer controle sobre sua atividade.

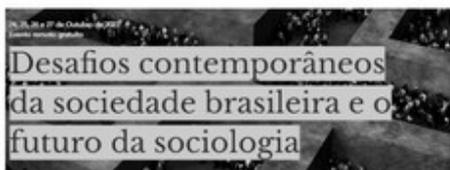
Contudo, não só de diferenças constituem-se os dois casos mencionados. A impregnação de uma mediação tecnológica em muitas relações sociais como a prática de atividade física e a prestação de serviços *delivery* aproxima-os – ciclistas por estilo de vida e ciclistas por necessidade da vida – na medida em que “[...] tudo o que fazemos está integrado num perfil específico que pode ser monetizado e aperfeiçoado” (MOROZOV, 2018, p. 47). Todos os usuários de plataformas digitais, seja o que anseia por *kudos* em virtude do seu desempenho atlético, ou o que espera uma boa avaliação do cliente (e quem sabe uma gorjeta), têm algo em comum: são produtores de dados, os ativos financeiros mais cobiçados na atualidade.

Cristalina é a constatação de que os dados são os ativos mais cobiçados do momento. Nesse aspecto, tudo o que se refere à existência das pessoas passa por essa conversão. Por quê?

Isso ocorre não apenas pela atenuação da diferença entre trabalho e não trabalho, mas também como nos faz aceitar tacitamente a ideia de que nossa reputação é uma obra em andamento – algo a que podemos e devemos nos dedicar 24 horas por dia, sete dias por semana. Dessa maneira, tudo vira um ativo rentável: nossos relacionamentos, nossa vida familiar, nossas férias e até nosso sono (agora você é convidado a rastrear o sono, a fim de aproveitá-lo ao máximo no menor tempo possível) (MOROZOV, p. 34).

A suspeição à ideologia do progresso vislumbrada no contexto da civilização industrial avançada pode ser estendida à civilização tecnológica avançada contemporânea. Ao abordar o problema da liberdade interior, Marcuse (2015) alertava para o que estava em andamento naquela configuração do capitalismo e que se intensificou, hoje, no tocante a uma invasão do espaço privado pela realidade tecnológica (MARCUSE, 2015).

Seria esse um dos motivos pela letargia da ação? Parece-nos que essa introjeção e aceitação do progresso tecnológico digital somente como benesse, ontem como hoje, confirmam que “a eficiência do sistema enfraquece a capacidade de o indivíduo



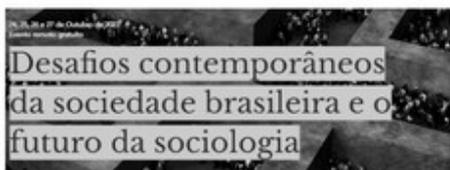
reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam o poder repressivo do todo” (MARCUSE, 2015, p. 49). Não negligenciamos as conquistas tecnológicas e as melhorias por elas proporcionadas. Mas é preciso manter certa suspeição, pois o elevado desenvolvimento material e tecnológico atingido não se encontra *pari passu* às possibilidades emancipatórias.

Contemporaneamente, o neoliberalismo atua como uma estratégia não mais da disciplinarização dos corpos, apesar de esse objetivo não ser desprezado. Entretanto, prevalece “[...] a exortação moral dos valores imbuídos na livre iniciativa, na ‘independência’ em relação ao Estado e na pretensa autodeterminação individual” (SAFLATE, 2021, p. 20). A exploração de si mesmo como capital humano tem nuances de inovação ou oculta o caráter repressivo do sistema pela culpabilização individual dos sujeitos?

Salvo o risco ao qual estão submetidos, inclusive no que diz respeito a sua integridade física e vida, não é possível seriamente situar os trabalhadores que desenvolvem alguma atividade mediada por aplicativos no mesmo nível dos criadores e *CEOs* de *startups*, estes que são os verdadeiros empreendedores. Todos são sujeitos do desempenho, mas há uma subcategorização posta pela divisão social do trabalho numa sociedade de classes. Por exemplo, no caso da plataforma digital *Uber*<sup>20</sup>, os motoristas que aceitam *os termos e condições de uso* do aplicativo são empreendedores de subsistência, conforme assinalado anteriormente.

O termo empreendedor é um conceito ideológico que visa atenuar as desigualdades sociais e do antagonismo de classes, reduzindo-os para a esfera da autodeterminação individual. Se jovens brasileiros, cujo mérito é terem nascido em famílias abastardas, são capazes de mobilizar sua inventividade e competência para criarem uma *startup*, esses são os empreendedores/empresários. Porém, os que exercem alguma atividade de trabalho mediado pelos aplicativos, não.

<sup>20</sup> A Uber Technologies Inc., é uma *startup*/empresa multinacional de tecnologia, criada em 2009, na região próspera do Vale do Silício (EUA), berço tecnológico e de inovação. Realiza a prestação de serviços de transporte, análogos ao táxi convencional, atuando como uma mediadora/atravesadora tecnológica digital, de forma que o passageiro/usuário pode acessar o aplicativo por meio do *smartphone* e solicitar o serviço de transporte de um motorista/usuário. Ambos os usuários são clientes da plataforma digital.



Os guerreiros e as guerreiras festejados pela capacidade de suportar o sofrimento, com o fito na gratificação, experienciam na realidade uma precariedade existencial. Há um franco processo de desestruturação da existência que impõe a todos os seres humanos um ruir das estruturas temporais postas, cuja consequência é a degradação em todos os níveis possíveis da nossa relação com o mundo e com os outros, os seus efeitos são mais profundos, pois inviabilizam quaisquer previsibilidade e perspectiva de futuro, solapando os ideais de esperança no devir e engendrando uma falta de percepção da exploração, o que impede uma contraposição coletiva em face desse quadro insustentável (BOURDIEU, 1998).

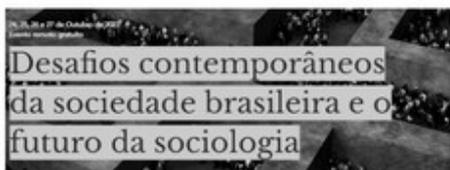
O que esperar do futuro? Esse é um questionamento tanto retórico quanto utópico. O sujeito neoliberal em formação é também um sujeito monetário que internaliza o *modus operandi* cultural do capitalismo e sua lógica empresarial, de forma que as vidas das pessoas, tanto objetiva quanto subjetivamente sob essas condições, foram naturalizadas (KURZ, 1993, 1997). O drástico é que aos sujeitos monetários faltam necessariamente o dinheiro.

Conforme Dardot e Laval (2016), o dispositivo da eficácia migra da disciplina adestradora dos corpos de outrora para a autodisciplina gestora das mentes. Os seres humanos comuns de carne e osso que se movem no *processo de vida real* frente aos seus dilemas e ambiguidades são, em geral, pessoas insatisfeitas, endividadas, ambiciosas e ambivalentes. Tal qual *Seong Gin-hun*, buscam a qualquer preço a satisfação das suas necessidades, a fim de que suas preces sejam ouvidas e os seus pedidos sejam contemplados pela *divindade visível*<sup>21</sup>, a única capaz de realizar – sempre parcialmente – os desejos do permanentemente insatisfeito indivíduo-consumidor.

Contudo, a imanência da lógica neoliberal requer uma matização. Embora atue nas subjetividades, a autodisciplina mental, no caso dos corpos periféricos, não prescinde da oportunidade de adestrá-los; melhor dizendo, há um autoadestramento. O indivíduo-consumidor localizado num estrato social mais para o topo da pirâmide, embora seja

---

<sup>21</sup>MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. Marx alude a Shakespeare, destacando esse termo como uma das propriedades do dinheiro, atribuídas pelo escritor inglês.



afetado pelos efeitos do dispositivo desempenho/gozo, não tem como preocupação imediata assegurar o pão de cada dia.

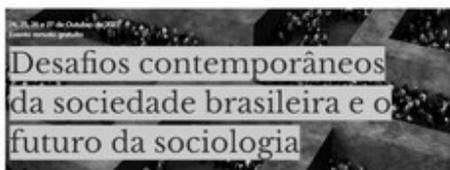
### **CORPOS PERIFÉRICOS: ENTRE O SOFRIMENTO E O GOZO**

Encontramo-nos diante de uma nova ascese intramundana, mas distinta daquela que balizava a ética protestante da análise weberiana<sup>22</sup>. Dardot e Laval (2016) esclarecem-nos que a ordem econômica está para além dos indivíduos, implicando a conformação do trabalho de si na busca da produtividade; contudo, o tornar-se produtivo tem como referência a conversão do sujeito numa empresa. Se há uma nova ética, esta não se baseia na repressão do gozo e do consumo (inclusive do supérfluo), como a ascese protestante. No neoliberalismo, a ética do desempenho encontra nas técnicas da psicologia positiva uma importante ferramenta para o gerenciamento dos gostos e relacionamento das pessoas, autônomas e livres, a fim de alcançarem, a partir dos seus próprios interesses, a felicidade (ILLOUS; ALALUF, 2017).

De acordo com Sennett (2012), os nossos desejos são mobilizados aos produtos de consumo, mas, ao adquiri-los em poucos dias, acaba-se o entusiasmo e decreta-se o tédio; a paixão consumptiva precisa ser redirecionada a um novo objeto do desejo. O fundamento ético dessa nova ascese estimula um estado psicológico de prontidão. De forma contundente, Braudrillard (1995) nos diz que, apesar de a nossa sociedade enaltecer as conquistas do progresso, tudo aquilo que poderia minimizar os esforços e o sofrimento das pessoas comunga ao desenvolvimento do estresse, da tensão e do *doping*.

Um entregador *motoboy* ou ciclista, ao se habilitar *online* à plataforma digital, encontra-se à disposição dessa, mas sem qualquer garantia de realização de entregas. Entretanto, há uma expectativa de gratificação, uma mobilização dos seus desejos. A inclinação da subjetividade aos princípios formativos do sujeito neoliberal é o que leva as pessoas a se submeterem ao controle ubíquo e impessoal, como no caso dos trabalhos mediados por aplicativos?

<sup>22</sup> WEBER, M. A *ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



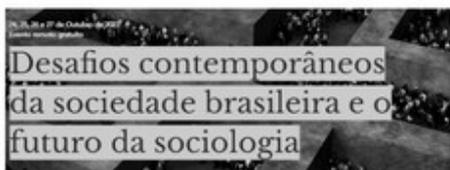
Numa interlocução nossa com um entregador *motoboy*<sup>23</sup>, este sempre se predispôs a nos relatar sua experiência com essa atividade, entre suas idas e vindas com as corridas. Ele se vangloriou do desempenho obtido no dia anterior à conversa, informando-nos que realizou 11 corridas e obteve R\$ 191,00. Qual o preço dessa conquista? Disse-nos que ficou *online* e rodou o dia inteiro, parando somente por volta das 22 horas. Isso revela algo em torno de uma jornada de 12 horas. O desempenho nesse dia foi extravasado com o gozo do valor atingido.

Todavia, enquanto conversávamos sobre os feitos desse desempenho altamente positivo, apesar de ter cumprido todos os requisitos de uma boa avaliação (segundo ele, 100% nas taxas de aceitação e finalização, colocando-o ranqueado entre os melhores entregadores do país na plataforma digital *Rappy*), era perceptível sua tensão e desconforto expressos por meio da gestualidade, sempre olhando o celular, e das mudanças na postura enquanto estava sentado num carrinho de supermercado.

Esse bate-papo que aqui apresentamos sinteticamente só foi possível porque ele não recebeu qualquer notificação de entrega naquela manhã, embora estivesse *online* e com esta expectativa. O *modus operandi* das plataformas digitais inquestionavelmente mobiliza o emocional. A *ilusio* – ou o sentido do jogo – é amplamente usada no que diz respeito à captação do envolvimento daqueles que jogam. Para Huizinga (2008), quem se envolve com o jogo tolera o desonesto que permanece jogando; em contrapartida, o estraga-prazeres não, pois este impõe o fim do envolvimento no jogo. As plataformas digitais são os jogadores desonestos, mas que deixam o jogo fluir.

Despedimo-nos por volta de meio-dia e meia. O que o motivou a permanecer *online* sem receber notificações por tanto tempo? As *startups* já foram concebidas dos pontos de vista institucional, jurídico e funcional à mobilização das subjetividades do novo sujeito aqui abordado. Só a crença em trabalhar para si mesmo, quando se depende da distribuição das demandas pelo algoritmo do aplicativo, é o que pode nos indicar uma possível compreensão acerca das motivações que levam uma pessoa a se dispor à incerteza e ao risco. Um novo dia requer um novo desempenho; o dia anterior precisa ser

<sup>23</sup> Esse diálogo ocorreu no dia 09 de fevereiro de 2021, durante a coleta de dados da nossa pesquisa de doutorado. O registro compõe as anotações do diário de campo.



superado. As consequências dessa nova ética levam os sujeitos neoliberais à corrosão do caráter, “[...] sobretudo daquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável” (SENNET, 2006, p. 27).

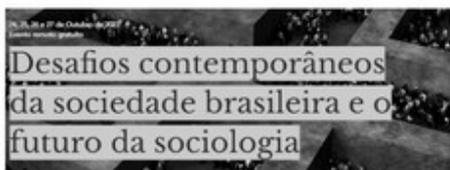
Faz-se aqui um paralelo com o convite recebido por *Seong Gin-hun* para jogar *Ddakji*, que foi uma isca para obter o seu consentimento na participação de uma espécie de *Reality Show*<sup>24</sup> fatal, cuja eliminação do jogo seria a morte do participante na série. A ascese dos empreendedores de subsistência revela-se como o envolvimento numa espécie de ritual de sofrimento que nos aponta em direção ao motivo pelo qual as pessoas se predispõem ao desempenho de forma engajada (VIANA, 2012).

As premissas dos aplicativos para entregadores são consideradas também como iscas que se valem do momento de fragilização da legislação trabalhista, aliadas ao quadro de desemprego estrutural em escala global. Isso contribuiu para a adesão dos que já estavam fora do famigerado mercado de trabalho, bem como passou a ser a primeira experiência de atividade de trabalho para muitos jovens e seus corpos periféricos.

Vale ressaltar que do encontro com o agiota e seus capangas, o protagonista da série assinou um documento com seu sangue, em que renunciava à integridade física, cujo equivalente no mundo real são os *termos e condições de uso* aceitos pelos que precisam trabalhar com aplicativos, a exemplo dos motoristas, *motoboy*s e ciclistas. Assumir os riscos é parte da estratégia da lógica neoliberal e da formação do sujeito correspondente, posto que “a liberdade do capital se realiza por meio da liberdade individual” (HAN, 2020, p. 13).

Nisso, não há nada de lúdico, embora os algoritmos dos aplicativos usem bem o dispositivo desempenho/gozo por meio das recompensas e da avaliação que compõem sua interface com recursos da gamificação (*gamificacion*), explorando o tom motivacional e a predisposição ao jogo. Segundo Busarello (2016), a gamificação diz respeito à busca do engajamento dos sujeitos para o desenvolvimento de tarefas, através

<sup>24</sup> Os *Reality Shows* são programas televisivos que proliferaram no início dos anos 2000, colocando pessoas famosas ou não em uma espécie de confinamento, numa disputa submetida à avaliação do público, a fim de eliminar ou manter no jogo aquele participante que agrada as expectativas dos telespectadores. O *No limite* e o *Big Brother Brasil*, espetáculos dessa natureza, transplantados no país, são exemplos desses programas.



de estímulos motivacionais que tomam como referência a atratividade dos jogos (BUSARELLO, 2016).

O empreendedor de subsistência introjeta a narrativa do foco e da disciplina como ferramentas para alcançar o sucesso, seguindo à risca outra frase muito usada nos círculos motivacionais: “Estude, enquanto eles dormem. Trabalhe, enquanto eles se divertem. Lute, enquanto eles descansam. Depois viva, o que eles sempre sonharam<sup>25</sup>”.

Na época do capitalismo industrial, os trabalhadores e trabalhadoras lutavam e almejavam a redução da jornada de trabalho. Em *O Capital* há uma constelação de fatos que explicitam um acirramento da luta de classes, a fim de conter a voracidade indiscriminada por corpos produtivos nos primórdios da Revolução Industrial, quando os trabalhadores perceberam que as máquinas não iriam libertá-los (MARX, 2002).

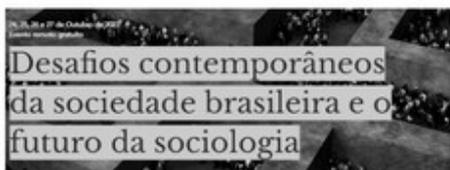
Sob o advento da tecnologia *smart*, a inteligência definitivamente não se mostra afeita em contribuir qualitativamente para a vida dos seres humanos – não obstante, possamos destacar aspectos que indubitavelmente trouxeram benefícios. Contraditoriamente, tal tecnologia faz com que muitos retornem às jornadas de trabalho semelhantes àquela dos trabalhadores fabris no século XVIII. É preciso assegurar o *status* de consumidor e, nessa seara,

o consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismos, por meio dos seus estímulos estéticos, morais sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente (SANTOS, 2021, p. 62).

A aceitação tácita dessa condição ocorre justamente pela ocultação das estruturas de exploração. Sennett (2012) contempla esse diagnóstico ao detectar a internalização da jaula de ferro weberiana. Para esse sociólogo, a objetividade de instituições coercitivas, opressoras e disciplinadoras foi assimilada pela subjetividade dos sujeitos.

A liberdade evocada pelo discurso neoliberal é reduzida ao direito de empreender. Logo, cada indivíduo o faz com o que tem e com o que pode destinar a essa finalidade.

<sup>25</sup> Essa frase é de autoria desconhecida, mas aparece em muitas publicações de perfis motivacionais, além de ser facilmente encontrada se digitada em qualquer ferramenta de busca na internet.



Muitos dispõem apenas da própria pele. Se o momento evidencia a ascensão do indivíduo-consumidor, é mister não negligenciar que os desejos nutridos por todos não são realizáveis para todos. Recordemos que numa sociedade de classes “todos nós estamos condenados à vida de opções, mas nem todos temos os meios de ser optantes” (BAUMAN, 1999, p. 94).

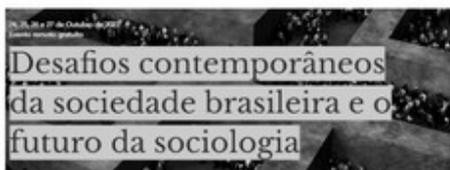
Apesar dessa aparente inclusão e acessibilidade proporcionada pelo denominado mundo virtual na esteira da globalização, para a maioria dos corpos a periferização é a marca indelével de suas existências, objetiva e subjetivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não seria errôneo afirmarmos que existem centenas de milhares de pessoas em condição análoga à de *Seong Gin-hun*. Trata-se de sujeitos imersos em preocupações, angustiados e atravessados por uma consciência de culpa insolúvel, haja vista o caráter não expiatório desse culto, que é o capitalismo (BENJAMIN, 2013). As mudanças econômicas provenientes da alteração na base técnica do trabalho na produção levaram a um enxugamento no quantitativo dos trabalhadores. Este fenômeno hoje impacta também o terceiro setor.

O protagonista de *Round 6* era um ex-funcionário de uma indústria automobilística, o qual foi demitido após a reestruturação da empresa. Desta forma, abriu um restaurante e um quiosque, os quais faliram. Passou a acumular dívidas com agiotas e bancos. A exemplo de muitos indivíduos nessas circunstâncias, exercia a função de motorista. Embora no relato do homem de terno preto, a fim de recrutá-lo ao *Reality Show*, não tenha ficado evidente que ele era motorista de aplicativo, é provável que *Seong Gin-hun* desenvolvia essa atividade vinculado a alguma plataforma digital. Numa empresa formal e com jornada fixa, ele dificilmente estaria numa casa de apostas em horário comercial. Somente sendo seu próprio chefe isso seria possível.

Apesar da conclamação do VAE, ser um empreendedor de subsistência é estar atrelado à incerteza de uma renda que lhe permita estabelecer planos de médio e longo



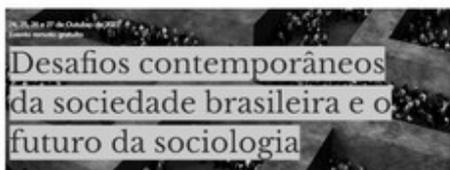
prazos. Além de assumir todos os riscos, ser chefe de si implica viver na imediaticidade. A conversa com o *motoboy* nos confirmou que “em virtude do pressuposto da liberdade ilimitada do indivíduo [...] o sujeito é considerado responsável tanto por esse risco como pela escolha de sua cobertura” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 349).

Embora muitos que estão exercendo trabalho precário e informal tenham uma experiência anterior no trabalho formal, essa possibilidade tende a ficar mais escassa aos jovens, hoje. Para muitos, a primeira inserção é sob a condição da informalidade. Para a parcela mais jovem da População Economicamente Ativa (PEA), a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) será algo similar a um conto folclórico, uma lenda.

O nosso anti-herói *Seong Gi-Hun* não tinha seu corpo à sua disposição. Vivia na expectativa de ganhos fáceis e arriscados nos chamados jogos de azar, apostando em corridas de cavalos, investindo os poucos recursos que saqueou à revelia da sua mãe. Sua derrocada social foi acompanhada da desestabilização da sua vida pessoal; divorciou-se da companheira e tinha encontros esporádicos com a filha, conforme acordo estabelecido no tipo de guarda.

A narrativa dominante, que exalta empreendedor e o empreendedorismo, esquece-se de um detalhe: os motoristas, os *motoboys* e os ciclistas de aplicativos de transporte de passageiros e entregas – grupo aqui delimitado – têm nos seus corpos o único bem ou capital de que dispõem. Embora não ocorra a venda da força de trabalho diretamente, nos moldes do emprego formal e sua regulamentação, o sentido de liberdade como expressão da vontade livre evidencia-se de maneira cruel, pois o trabalhador se autodetermina empreendedor. Aqui, o grau de privação ultrapassa o seu predecessor. De acordo com a sua vontade livre, assume sua situação destituída de vínculo empregatício e de direitos e amparos sociais. Este quadro é planetário, porém os requintes de barbárie acentuam-se na periferia.

O *homem-máquina* idealizado por La Mettrie é, na sociedade do cansaço, substituído pelo *homem-algoritmo*. Do seu antecessor herdou a exploração, que faz par com a autoexploração, como as duas faces de uma mesma moeda neoliberal. Ambas incidem sobre as dimensões social, psíquica e física da totalidade dos seres humanos.



Todavia, o caráter corroído leva-os ao cultivo de uma mentalidade baseada na autodeterminação e na exaltação ao individualismo.

Assim, cultivando uma crença nesses valores, o sujeito neoliberal reduzido à moeda de troca paga com satisfação o preço pelo seu corpo, conforme preconiza o discurso empresarial ancorado no *coaching*: somente sobrevivem os que têm flexibilidade e capacidade de adaptarem-se às novas exigências. Numa sociedade de classes, os corpos e, em especial, os corpos periféricos cuja sina histórica expõe sua ausência de valor, ao fim, sempre pagam, pois, como coisas que meramente existem, têm um preço. Confirma-se que “no mundo absurdo, o valor de uma noção ou de uma vida se mede por sua infecundidade” (CAMUS, 2020 p. 115). Aos sujeitos neoliberais (auto)explorados, a amplitude de escolhas mobilizadoras do desejo resume-se muitas vezes ao custo da precariedade existencial normatizada; em outras, o preço é a própria vida infecunda.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, I. F.; ALVES, V. H. A. O trabalho precário e não assalariado no horizonte da sociologia do trabalho latino-americana. In: BARBOSA, I. F.; BARBOSA, V. S. de L.; ARAÚJO, M. R. M. de (orgs.). **Contrassensos contemporâneos do mundo do trabalho**. 1ª ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. p. 15-53

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

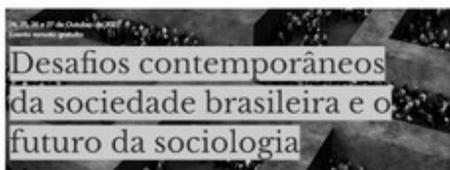
BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BENJAMIN, W. **O capitalismo como religião**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BOURDIEU, P. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BUSARELLO, R. I. **Gamification: princípios e estratégias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.



CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Recorde, 2020.

CANAL DISPLAY PUBLICITÁRIO. **Rede Globo – VAE (Vamos Ativar o Empreendedorismo) (2021)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9SuysZJzbHg>> Acesso em: 19 de agosto de 2022.

CREATE BRASIL. **Empreendedor de subsistência**. Disponível em: <<https://createbrasil.com.br/empreendedor-de-subsistencia/>> Acesso em: 09 de agosto de 2022.

DARDOT, P. (et al.). **A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo**. São Paulo: Elefante, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DWECK, C. S. **Mindset: a nova psicologia do sucesso**. Objetiva: São Paulo, 2017.

G1. **Mais de 30 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 20 de setembro de 2022.

\_\_\_\_\_. **VAE**. Disponível em: <<https://vae.g1.globo.com/especial-publicitario/>> Acesso em: 09 de agosto de 2022.

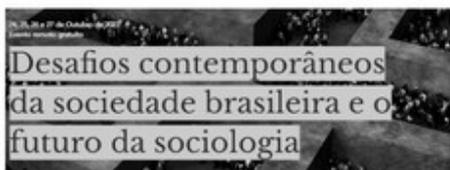
HAN, B. C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 7ª ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ILLOUS, E.; ALALUF, Y. B. O capitalismo emocional. In: **História das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2017 p. 74-100

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego permanece em queda e chega a 9,1% no trimestre encerrado em julho**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/>> Acesso em: 20 de setembro de 2022.



KONDER, L. **Os sofrimentos do homem burguês**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

KURZ, R. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise de economia mundial. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os últimos combates**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KYOKAI, Bukkyo Dendo. **A doutrina de buda**. 17ª ed. Tokyo, 2014.

LA BOÉTIE, E. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: EDIPRO, 2017.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. Barueri, SP: Manole, 2007.

\_\_\_\_\_. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I, vol. 1. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

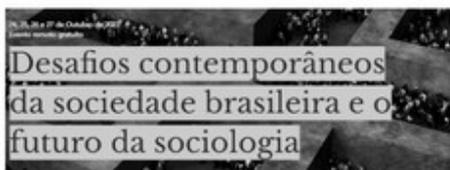
MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOROZOV, E. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NETTO, J. P. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 20)

PETROVIC, G. Alienação. In: BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 5-9

REPÓRTER BRASIL. **Mulher é resgatada após 72 anos de trabalho escravo doméstico no Rio**. <<https://reporterbrasil.org.br/2022/05/mulher-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-escravo-domestico-no-rio/>> Acesso em: 04 de outubro de 2022.



ROUANET, S. P. O homem-máquina hoje. NOVAES, A. O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**: as consequências sociais da segunda revolução industrial. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Brasiliense, 1990.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. 7ª reimpressão. São Paulo: UNESP, 2005.

SAFATLE, V. A economia moral neoliberal e seus descontentes. In: SAFATLE, V.; JUNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (Orgs.). 1ª ed. 1ª reimp. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 17-46.

SANTANA, Jeová. “A ponta das costelas”. In: SANTANA, J. **A ossatura**. Recife: Ed. do Autor, 2002. p. 101-103.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 32ª. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **A cultura do novo capitalismo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018b.

**SQUID GAME** (Round 6). Direção: Hwang Dong-Hyuk. Coréia do Sul: Netflix., 2021. (118 min.). 1ª temporada. Disponível na plataforma *streaming* Netflix. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

VIANA, S. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.